



A Santa Sé

PAPA BENTO XVI

AUDIÊNCIA GERAL

Quarta-feira, 7 de Junho de 2006

Pedro, a rocha sobre a qual Cristo fundou a Igreja

Queridos irmãos e irmãs!

Retomamos as catequese semanais que iniciámos nesta primavera. Na última, de há quinze dias, falei de Pedro como o primeiro dos Apóstolos; hoje, queremos voltar mais uma vez sobre esta grande e importante figura da Igreja. O evangelista João, narrando o primeiro encontro de Jesus com Simão, irmão de André, registra um acontecimento singular: Jesus, "fixando nele o olhar... disse: "Tu és Simão, o filho de João. Hás-de chamar-te Cefas que significa Pedra"" (*Jo 1, 42*). Jesus não costumava mudar o nome aos seus discípulos. Se excluirmos o apelativo de "filhos do trovão", dirigido numa circunstância precisa aos filhos de Zebedeu (cf. *Mc 3, 17*) que não voltou a usar sucessivamente, Ele nunca atribuiu um novo nome a um discípulo seu. Mas fê-lo com Simão, chamado-o Cefas, nome que depois foi traduzido em grego *Petros*, em latim *Petrus*. E foi traduzido precisamente porque não era só um nome; era um "mandato" que Pedro recebia daquele modo do Senhor. O novo nome *Petrus* voltará várias vezes nos Evangelhos e terminará por substituir o nome originário, Simão.

O facto adquire relevo particular se se considera que, no Antigo Testamento, a mudança do nome anunciava em geral a designação de uma missão (cf. *Gn 17, 5; 32, 28ss*, etc.). De facto, a vontade de Cristo de atribuir a Pedro um papel especial no âmbito do Colégio apostólico resulta de numerosos indícios: em Cafarnaum o Mestre é hospedado em casa de Pedro (*Mc 1, 29*); quando a multidão se comprime nas margens do lago de Genesaré, entre as duas barcas ali ancoradas, Jesus escolhe a de Simão (*Lc 5, 3*); quando em circunstâncias particulares Jesus se faz acompanhar só por três discípulos, Pedro é sempre recordado como primeiro do grupo: assim

na ressurreição da filha de Jairo (cf. *Mc* 9, 2; *Mt* 17, 1; *Lc* 9, 28), e por fim durante a agonia no Horto do Getsémani (cf. *Mc* 14, 33; *Mt* 16, 37). E ainda: dirigem-se a Pedro os cobradores do imposto para o Templo e o Mestre paga para si e somente para ele (cf. *Mt* 17, 24-27); a quem lava primeiro os pés é a Pedro (cf. *Jo* 13, 6) e reza unicamente por ele para que não lhe venha a faltar a fé e possa depois confirmar nela os outros discípulos (cf. *Lc* 22, 30-31).

De resto, o próprio Pedro tem consciência desta sua posição particular: com frequência é ele que, em nome também dos outros, toma a palavra para pedir a explicação de uma parábola difícil (*Mt* 15, 15), ou o sentido exacto de um preceito (*Mt* 18, 21) ou a promessa formal de uma recompensa (*Mt* 19, 27). Em particular, é ele quem resolve o embaraço de determinadas situações intervindo em nome de todos. E também quando Jesus, desanimado pela incompreensão da multidão depois do discurso sobre o "pão de vida", pergunta: "Também vós quereis ir embora?", a resposta de Pedro é peremptória: "Senhor, a quem iremos? Tu tens palavras de vida eterna" (cf. *Jo* 6, 67-69). Iguamente decidida é a profissão de fé que, ainda em nome dos Doze, ele faz perto de Cesareia de Filipe. A Jesus que pergunta: "Vós quem dizeis que Eu sou?", Pedro responde: "Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo" (*Mt* 16, 15-16). Em resposta Jesus pronuncia então a declaração solene que define, de uma vez para sempre, o papel de Pedro na Igreja: "Também Eu te digo: Tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja... Dar-te-ei as chaves do Reino do Céu; tudo o que ligares na terra ficará ligado no Céu e tudo o que desligares na terra será desligado no Céu" (*Mt* 16, 18-19). As três metáforas às quais Jesus recorre são em si muito claras: Pedro será o *fundamento rochoso* sobre o qual apoiará o edifício da Igreja; ele terá *as chaves* do Reino dos céus para abrir ou fechar a quem melhor julgar; por fim, ele poderá *ligar* ou *desligar* no sentido que poderá estabelecer ou proibir o que considerar necessário para a vida da Igreja, que é e permanece Cristo. É sempre Igreja de Cristo e não de Pedro. Deste modo, é descrito com imagens de plástica evidência o que a reflexão sucessiva qualificará com a palavra de "primazia de jurisdição".

Esta posição de preeminência que Jesus decidiu conferir a Pedro verifica-se também depois da ressurreição: Jesus encarrega as mulheres de ir anunciar a Pedro, distintamente dos outros Apóstolos (cf. *Mc* 16, 7); Madalena vai ter com ele e com João para os informar que a pedra tinha sido afastada da entrada do sepulcro (cf. *Jo* 20, 2) e João dá-lhe a precedência quando chegam diante do túmulo vazio (cf. *Jo* 20, 4-6); será depois Pedro, entre os Apóstolos, a primeira testemunha de uma aparição do Ressuscitado (cf. *Lc* 24, 34; *1 Cor* 15, 5). Este seu papel, realçado com decisão (cf. *Jo* 20, 3-10), marca a continuidade entre a preeminência obtida no grupo apostólico e a preeminência que continuará a ter na comunidade que nasceu depois dos acontecimentos pascais, como afirma o Livro dos Actos (cf. 1, 15-26; 2, 14-40; 3, 12-26; 4, 8-12; 5, 1-11.29; 8, 14-17; 10; etc.). O seu comportamento é considerado tão decisivo, que está no centro de observações e também de críticas (cf. *Act* 11, 1-18; *Gl* 2, 11-14). Ao chamado Concílio de Jerusalém Pedro desempenha uma função directiva (cf. *Act* 15 3; *Gl* 2, 1-10), e precisamente por este seu ser como testemunha da fé autêntica o próprio Paulo reconhecerá nele uma certa qualidade de "primeiro" (cf. *1 Cor* 15, 5; *Gl* 1, 18; 2, 7s.; etc.). Depois, o facto de que vários textos-

chave relativos a Pedro possam ser relacionados com o contexto da Última Ceia, na qual Cristo confere a Pedro o ministério de confirmar os irmãos (cf. *Lc 22, 31s.*), mostra como a Igreja que nasce do memorial pascal celebrado na Eucaristia tenha no ministério confiado a Pedro um dos seus elementos constitutivos.

Esta contextualização da Primazia de Pedro na Última Ceia, no momento institutivo da Eucaristia, Páscoa do Senhor, indica também o sentido último desta Primazia: Pedro deve ser, para todos os tempos, o guardião da comunhão com Cristo; deve guiar à comunhão com Cristo; deve preocupar-se por que a rede não se rompa e assim possa perdurar a comunhão universal. Só juntos podemos estar com Cristo, que é o Senhor de todos. A responsabilidade de Pedro é garantir assim a comunhão com Cristo com a caridade de Cristo, conduzindo à realização desta caridade na vida de todos os dias. Rezemos para que a Primazia de Pedro, confiada a pobres pessoas humanas, possa ser sempre exercida neste sentido originário querido pelo Senhor e, assim, possa ser cada vez mais reconhecida no seu verdadeiro significado pelos irmãos que ainda não estão em plena comunhão connosco.

Saudação

Amados peregrinos de língua portuguesa, uma cordial saudação de boas-vindas para todos, nomeadamente para o grupo referido de Portugal! Viestes a Roma para revigorar a vossa fé cristã e os vínculos de amor e obediência à Igreja, que Jesus fundou sobre Pedro. Que as vossas vidas, fortes na fé, sempre possam irradiar o amor de Deus, e as suas bênçãos desçam abundantes sobre vós e vossas famílias!

© Copyright 2006 - Libreria Editrice Vaticana

Copyright © Dicastero per la Comunicazione - Libreria Editrice Vaticana